



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITARIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

LUCIANA RODRIGUES TORRES

**A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA EDUCAÇÃO
FUNDAMENTAL E OS ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE CIPRIANO CARLOS
LUCKESI: ALGUMAS APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES**

MIRACEMA DO TOCANTINS (TO)

2018

LUCIANA RODRIGUES TORRES

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL
E OS ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE CIPRIANO CARLOS LUCKESI: ALGUMAS
APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES

Monografia apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins –
Campus Universitário de Miracema para
obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, sob orientação do Prof. Dr.
Francisco Gonçalves Filho.

Orientador: Dr. Francisco Gonçalves
Filho.

MIRACEMA DO OCANTINS (TO)

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- T693a Torres, Luciana Rodrigues.
A avaliação da aprendizagem escolar na educação fundamental e os estudos e proposições de Cipriano Carlos Luckesi: Algumas aproximações e possibilidades. / Luciana Rodrigues Torres. – Miracema, TO, 2018.
36 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2018.
Orientador: Francisco Gonçalves Filho
1. Avaliação. 2. Reflexão. 3. Avaliação da aprendizagem. 4. Propostas avaliativas. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCIANA RODRIGUES TORRES

A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL
E OS ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE CIPRIANO CARLOS LUCKESI: ALGUMAS
APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins- UFT, Câmpus Universitário de Miracema, curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela banca Examinadora.

Data de Aprovação: 17/09/2018

Banca examinadora:



Prof. Dr. Francisco Gonçalves Filho, Orientador, UFT



Prof. (a). Dr. (a) Ana Corina Spada, Examinadora, UFT



Prof. (a) Brigitte Úrsula Stach Haertel, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus por até aqui ter me sustentado e por tudo que ele tem feito na minha vida, porque sem ele nada disso seria possível.

Agradeço a minha querida mãe e minha avó materna, que sempre me deram forças e incentivos para continuar na trajetória dos estudos, e me conduziram a ser a pessoa que sou hoje.

Ao meu pai, que mesmo distante, contribuía no possível para que o meu sonho se concretizasse.

Aos meus familiares e amigos que torciam pela minha conquista, de uma forma direta e indiretamente.

Aos meus colegas de sala de aula, pela companhia, carinho e pelas trocas de conhecimentos ao longo da caminhada acadêmica.

Aos meus colegas de travessia, pela companhia, pela amizade e pela torcida.

À minha colega Elizangela Pereira, que ao longo da trajetória acadêmica se tornou uma grande parceira. Obrigado pela torcida, pelo companheirismo, pelas dificuldades enfrentadas juntas, pelos sorrisos sinceros e pelos conselhos, meu muito obrigada.

Agradeço a todos os professores do campus universitário de Miracema, pelos conhecimentos e saberes transmitidos ao longo da jornada acadêmica.

Ao professor Francisco Gonçalves Filho pelas orientações, correções e incentivos.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho buscou investigar, analisar e refletir os métodos avaliativos usados na prática pedagógica para mediar a aprendizagem dos alunos. Procurou-se refletir e discutir o seguinte questionamento: Quais os métodos avaliativos utilizados para mediar a aprendizagem dos alunos? Para melhor entender essa problemática e ajudar a compreender a avaliação da aprendizagem, buscou-se ajuda na obra dos autores Luckesi(2011), Sant'Anna (1995), Hoffman (2009) dentre outros, que compreendem a avaliação muito além de provas e notas. Buscando sempre alertar aos educadores refletir, observar, diagnosticar e acolher. Para compreender o proposto tema da investigação, deu-se ênfase primeiramente, no conceito de avaliação, para então refletir sobre a perspectiva da avaliação da aprendizagem. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica. Por meio deste estudo podemos considerar que a avaliação ainda está focada na classificação.

Palavras-Chave: Avaliação. Reflexão. Avaliação da aprendizagem. Propostas avaliativas.

ABSTRACT

This work sought to investigate, analyze and reflect the evaluation methods used in pedagogical practice to mediate student learning. We tried to reflect and discuss the following question: What evaluation methods are used to mediate student learning? In order to better understand this problem and to help understand the assessment of learning, we sought help in the work of the authors Luckesi (2011), Sant'Anna (1995), Hoffman (2009) among others, which include evaluation beyond tests and grades. Always seeking to alert educators to reflect, observe, diagnose and welcome. In order to understand the proposed research theme, emphasis was first placed on the concept of evaluation and then to reflect on the perspective of learning assessment. As methodology was used the bibliographic research. Through this study we can consider that the evaluation is still focused on the classification.

Keywords: Evaluation. Reflection. Evaluation of learning. Evaluation proposals.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 A REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO.....	11
3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE CIPRIANO CARLOS LUCKESI.....	15
3.1 Quem é Cipriano Carlos Luckesi.....	15
3.2 Um estudo do conteúdo do livro avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.....	16
3.3 Considerações sobre a proposta de Luckesi para o ensino fundamental.....	24
3.4 Destaques importantes para práticas avaliativas.....	27
3.4.1 Um olhar sobre a questão do erro.....	27
3.4.2 Avaliação como função diagnóstica.....	28
3.4.3 Um olhar reflexivo sobre as avaliações classificadoras tradicionais.....	30
4 AINDA COM BASE NOS ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS APRESENTAMOS ALGUMAS PROPOSTAS PARA ORIENTAR OS MÉTODOS AVALIATIVOS.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa que se segue “A Avaliação da aprendizagem escolar na educação fundamental e os estudos e proposições de Luckesi” investiga, analisa e reflete os métodos avaliativos que estão sendo utilizados na prática pedagógica para mediar a aprendizagem dos alunos. O questionamento que procede é: quais concepções avaliativas estão sendo utilizadas para mediar a aprendizagem dos alunos: a tradicional ou inovadora?

Essa problemática, se fundamentou através da disciplina “Avaliação da Educação Básica”, no 6º período do curso de Pedagogia, no ano de 2016. Durante as aulas, eram discutidos os diferentes conceitos de avaliação e como ela estava presente na educação, baseando-se em autores que realizam reflexões importantíssimas para o processo de ensino e aprendizagem, através das avaliações que são praticadas em sala de aula, mas de um modo geral, no âmbito da educação. Através dessas reflexões, houve um grande interesse em discutir outro modo de olhar a avaliação, na perspectiva da prática avaliativa e sua metodologia, na aprendizagem dos alunos.

A reflexão sobre outro olhar para avaliação, trouxe à memória de como foi o processo de aprendizagem com base nas avaliações escolares, ou melhor, do que achava ser avaliação. Para obter uma boa nota e ser considerada uma boa aluna pelo olhar dos educadores através das avaliações e seus métodos avaliativos, muitas vezes decorava vários conteúdos que cairiam na prova, para obter uma boa nota e ser aprovada. Os professores através dos seus métodos avaliativos que geralmente estavam em torno das provas, acreditavam de fato que houvera uma excelente compreensão e aprendizagem de minha parte. Mas, o que na realidade acontecia era o contrário. Estava focada em tirar notas boas e ser aprovada, devido o que sempre me foi transmitido sobre o que era avaliação e os professores focados em cumprir seus métodos avaliativos tradicionais e permanecerem em suas práticas pedagógicas.

Os métodos e as práticas avaliativas ainda são os mesmos na maioria das escolas, os professores passam conteúdos bimestrais, revisam os conteúdos e na hora da prova aplicam as mesmas questões, ou semelhantes as elaboradas na revisão ou, até mesmo, certos conteúdos com um nível de dificuldade que não correspondia e não correspondem ao que se tinha apreendido. Sem contar, que não

havia e não há uma interação de fato, entre professores e alunos, ou um olhar especial da parte dos professores aos alunos, para analisar se houve de fato uma aprendizagem.

Diante disso, destacamos essa problemática sobre os métodos avaliativos que ainda podem ser utilizados pela maioria dos educadores e apresentar, refletir novos métodos que podem ser usados para mediar a aprendizagem dos alunos.

Quando se fala, em "novos olhares" para o ato de avaliar, como já foi mencionado anteriormente, não se quer dizer que o professor deve deixar de fazer avaliação e abolir de vez com o método tradicional de se avaliar a aprendizagem através de provas (por exemplo, nos finais de semestres), mas sim, pensar e trazer para as salas de aulas e, principalmente, para as práticas pedagógicas, reflexões a respeito do ensino e da aprendizagem que possibilitem novos métodos avaliativos.

Nesse aspecto de reflexão do educador com suas práticas avaliativas e até mesmo a avaliação no contexto escolar, Luckesi traz sua contribuição ressaltando que:

Um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcada por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social. (LUCKESI, 2011, p. 93)

Cabe ao professor, sempre refletir sua ação avaliativa, buscando novos olhares juntamente com o aluno, que irão propiciar novos saberes para ambos. HOFFMAN (2005, p.63) alerta ainda que “o professor deve assumir a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o “movimento”, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos”.

Referente a isso, o educador necessita exercer diariamente a reflexão das suas práticas pedagógicas, abrangendo também a reflexão da aprendizagem por parte do próprio educando.

Desta forma organizamos o trabalho, contendo três capítulos, a seguir.

O capítulo I, trata sobre a abordagem do conceito da avaliação com ajuda de vários autores como: Luckesi(2011), Ristoff(2003), Hoffman(2005),

Sant'Anna(1995) dentre outros e o breve histórico da avaliação até chegar na avaliação da aprendizagem.

No capítulo II, é feito uma biografia de Luckesi, onde é abordada sua trajetória com o tema avaliação escolar. No mesmo capítulo, também é feito um estudo do conteúdo da obra do autor Avaliação escolar: estudos e proposições. Fazemos algumas considerações sobre a proposta de Luckesi para o ensino fundamental e alguns destaques importantes para as práticas avaliativas nas escolas.

O último capítulo é apresentado algumas propostas para orientar os métodos avaliativos.

CAPÍTULO I

2 A REFLEXÃO SOBRE O SIGNIFICADO DA AVALIAÇÃO

Antes de qualquer consideração sobre o tema, devemos saber necessariamente sobre o significado da palavra "avaliação". Quando pensamos em avaliação, logo temos um ataque de medo, nervosismo, ansiedade, as mãos suam, entre outros fatores que indicam o quanto essa palavra avaliação vem como um trauma, que foi implantado em nós desde cedo, na nossa vida estudantil.

A palavra avaliação é composta de duas palavras. Temos a palavra avalia e a segunda ação, se juntarmos ao pé da letra, significa dar valor à uma ação. Mas, para não ficar só nesse conceito comum, o termo avaliar, segundo Luckesi (2011, p.52) tem sua origem no latim, provindo da composição a- valere, que quer dizer "dar valor a..." Ele ainda aborda que "a avaliação é formulada a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliada". (LUCKESI, 2003, p.92).

Diante do exposto fica bem claro o primeiro de muitos conceitos de avaliação. Sabemos que por meio dela ocorre de imediato uma valorização de algo, um julgamento que pode determinar algo como negativo (ruim) ou positivo (bom). O que podemos observar, o que faz todos, principalmente alunos que passam por avaliações o ano inteiro, sentirem tensão, é a avaliação julgar a maioria das vezes as suas ações como negativas, por isso ela é taxada como algo ruim.

Mas será que a avaliação só tem seu lado negativo? Bom primeiramente temos que ter a consciência que toda ação tem sua avaliação. Por exemplo: se você tem um amigo (a) que está fazendo algo que você sabe que é errado ou certo e ele te pedir um conselho ou uma opinião de sua ação é obvio que você vai dar seu palpite, sua opinião com outras palavras, você vai avaliar a ação do seu amigo (a). Na verdade, estamos a todo tempo avaliando alguém e sendo avaliados, seja para dar um julgamento ruim ou bom.

O que nos cabe é pensarmos como estamos avaliando e como estamos sendo avaliados. Porque só quando fazermos essa análise iremos romper com o julgamento de que a avaliação sempre ou quase sempre implica em um posicionamento negativo a respeito das ações.

Dando continuidade ao conceito de avaliação, de acordo com Bradfiel e Moredock (1963, 1:16) citados por Luckesi (2003) a "avaliação é o processo de atribuição de símbolos a fenômenos com objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica". Isso implica dizer que a avaliação está presente em tudo que possamos atribuir um valor ou um conceito. Luckesi (2003) aborda também, que

A avaliação é formulada a partir das determinações da conduta de atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliada. (LUCKESI, 2003, p. 92).

Diferente em alguns pontos, dos dois autores citados anteriormente, entendemos que Luckesi (2003) refere que a avaliação é dada e formada a partir de determinações que precedem um valor ou um julgamento de bom ou ruim em relação ao que está sendo avaliado.

Podemos perceber que os autores conceituam a avaliação como algo de valor sobre um indivíduo e uma ação. Outro autor que também aborda o conceito de avaliação como valor é Michael Scriven (1991) citado por Ristoff (2003, p.7), que diz que a "avaliação é o processo através do qual se determina o mérito e o valor das coisas". Fica claro que o valor e o mérito de algum objeto, se dá através da avaliação como já foi mencionado acima.

Para a autora Sant'Anna (1995) avaliar significa atribuir algum valor, e não implica em desvalorização. Sendo assim, podemos dizer que o ato de avaliar a aprendizagem do aluno, é valorizar o mesmo com o todo.

O termo "avaliação" é recente, o qual passou por algumas adaptações ao longo do tempo não tão radicais, mas buscamos evoluir mais e mais. Garcia (1998, p.30) traz em seu texto um breve relato da passagem do termo exame para avaliação no âmbito educacional. A autora aborda que o termo avaliação hoje, era chamado de exame. Esse termo exame apareceu por Weber quando se refere ao uso pela burocracia chinesa, nos idos de 1200 a.C para selecionar, entre sujeitos do sexo masculino, aqueles que seriam admitidos no serviço público. Portanto o exame não aparece como uma questão de educação, mas como um instrumento de controle social. Mais adiante, surge o termo teste, depois avaliação.

O interessante é que ainda vimos o termo exame ou teste sendo usados na educação. Além disso como já foi abordado, o exame tinha como objetivo

selecionar homens para serem admitidos no serviço, e baseava no controle social. A avaliação ou exame chega no âmbito educacional com a escola moderna, onde se "sistematizou a partir dos séculos XVI e XVII, com a cristalização da sociedade burguesa". Luckesi (2005, p.169)

O exame selecionava antigamente, hoje o que faz com os processos avaliativos também é isso, os exames ou avaliação são instrumentos que classificam, selecionam, reprovam e excluem.

As avaliações escolares devem ser pensadas não isoladamente, mas em conjunto. Como aborda Caldeira,

Avaliação é um meio e não um fim em si mesma; está delimitada por uma prática pedagógica. Ela não ocorre num vazio intelectual, mas está dimensionada por um modelo teórico de sociedade, de homem, de educação e, conseqüentemente, de ensino e de aprendizagem, expresso na teoria e na prática pedagógica. (CALDEIRA, 2000, p. 122)

A avaliação da aprendizagem escolar como já foi abordada é um componente de ensino e não o único, não deve estar totalmente focado no hábito de julgar ou dar um valor a um dado resultado final, mas deve ser um hábito que permita reflexão, ajuda e estimativa da parte do educador frente ao aluno para que, então ocorra o ato de avaliar a aprendizagem. Fernandes pensa que,

A prática intencional de ensino e aprendizagem não se é reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender, mas articulada à educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e social, datada e situada numa relação dialética entre prática-teoria, conteúdo-forma, perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES 1999, p.159)

Assim como as práticas educativas devem estar articuladas com o social e o conhecimento, as metodologias de ensino também devem estar em articulação. Diante das práticas pedagógicas os sujeitos, participantes ativos são os professores e alunos. E se baseando na questão metodológica da avaliação da aprendizagem, cabe ao professor através desse processo, conhecer o aprendizado do seu aluno, fazendo acompanhamento individual, exercitando a prática do olhar, observar, sem focar na necessidade de avaliar o aluno através da prova para classificar sua aprendizagem.

O que acontece com a maioria dos professores é que os próprios fazem de suas práticas pedagógicas uma mera reprodução tradicionalista, onde não há uma interação nem mediação com o aluno e nem com a sociedade em qual vive.

Não há uma transformação, outro olhar por parte do educador em busca da essência da aprendizagem dos alunos. Tudo que se vê, é uma avaliação da aprendizagem muito supérflua, frente a verdadeira avaliação da aprendizagem do aluno. Cabe também o professor buscar sua evolução e refletir suas práticas pedagógicas.

CAPÍTULO II

3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE CIPRIANO CARLOS LUCKESI

3.1 Quem é Cipriano Carlos Luckesi

Cipriano Carlos Luckesi mais conhecido como Luckesi, tem uma vasta formação. Ele é Doutor em Educação, Mestre em Ciências Sociais, Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia. Foi professor da Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e do programa de Pós-graduação em educação. Luckesi é autor de livros e artigos. Uma das suas principais obras é sobre o tema da avaliação da aprendizagem escolar da qual fazemos esse estudo.

Luckesi teve seu primeiro contato com o tema de avaliação da aprendizagem escolar, no ano de 1968, ainda acadêmico de Licenciatura em Filosofia, participou de um curso de Medidas Educacionais, regido pelo professor Godeardo Baquero. Daí em diante, o tema da avaliação da aprendizagem escolar assediou. Seu ingresso como profissional da área, deu-se em 1972. Participou de um curso para telepromotores, promovido pelo Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB), no qual teve a oportunidade de participar das aulas de Luiz Iglesias Valero¹ sobre avaliação da aprendizagem. Em decorrência da qualidade de sua participação nesse evento, Luckesi foi admitido como profissional do IRDEB e nessa instituição, dedicou-se por quatro anos a trabalhar com produção, revisão, quantificação, qualificação e análise de testes de aproveitamento escolar, experimentando também a produção e utilização de diferentes instrumentos de avaliação. Aprendeu o uso técnico dos instrumentos, porém debatia-se com questões teóricas.

Nesse período Luckesi, teve oportunidade de abordar o tema em diversos cursos e seminários. Em 1976 afastou-se das atividades profissionais do IRDEB e passou a dedicar-se somente à vida acadêmica dentro da Universidade, onde nunca trabalhou diretamente com a avaliação, mas sim com Filosofia, Filosofia da

¹ Luiz Valero era, naquela época, o coordenador da área de avaliação da TV Educativa de E1 Salvador. O IRDEB publicou, em 1973, um volume, intitulado Supervisão e avaliação, contendo os principais documentos estudados durante o curso para telepromotores; foi uma edição interna realizada pela editora Mensageiro da Fé, Salvador, Bahia.

Educação e Metodologia do Trabalho Científico. Todavia, a avaliação da aprendizagem, como objeto de pesquisa e como prática continuou a fascinar e aos poucos foi colocando no papel seus estudos e reflexões sobre o tema.

O artigo “Avaliação educacional: pressupostos conceituais” marcou, em 1978, a maturação de uma primeira reflexão teórica que vinha estabelecendo.

Ensaçou, nesse texto, uma definição da avaliação da aprendizagem, dando atenção a alguns pontos críticos. Nesse momento buscava uma formulação epistemológica sobre avaliação, cuja conceituação, pouco modificada, que utiliza até hoje.

Luckesi fez um longo percurso em sua trajetória pelo tema da avaliação. Mostrou um caminho que foi construído lentamente. O reconhecimento do valor do seu trabalho vem sendo manifestado pelos convites para abordar mais e mais seu trabalho. Atualmente Luckesi, oferece disciplinas dessa área também ao Doutorado em Educação na Universidade Federal da Bahia.

3.2 Um estudo do conteúdo do livro Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições

A obra de Cipriano Carlos Luckesi, “Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições”, destina-se tanto a educadores e estudantes que se preparam para atuar como educadores, como para pais interessados no tema abordado. Essa obra veio ao público renovada e reformulada. Da edição original, entre 1995 e 2011 destaca-se que, foi reimpresso por vinte e uma vezes, sofreu segundo o autor um acréscimo de oito novos capítulos, necessários para ampliar abordagens anteriores.

Esta obra está dividida por sete partes englobando dezoito capítulos que tratam de um mesmo conteúdo, completando-se. Aqui descrevemos sinteticamente suas partes.

A primeira parte tem como tema “Convite à aprendizagem” que é composta pelo primeiro capítulo, que tem como título, a aprendizagem da avaliação. Neste capítulo o autor aborda sobre a necessidade do educador aprender a avaliar a aprendizagem. Ele traz um breve histórico a respeito da avaliação da aprendizagem de como se dava a avaliação, que antigamente era chamada de exame. Logo mais ele aborda o conceito de avaliar e distingue as condutas do examinar e do avaliar.

A segunda parte que tem por tema “Do transito necessário dos exames escolares para a avaliação da aprendizagem”, é composta do segundo ao quinto capítulo. O segundo capítulo tem como tema “Avaliação da aprendizagem Escolar: apontamentos sobre pedagogia do exame”, onde o autor aborda sobre a chamada pedagogia do exame. Ele diz que, a característica que de imediato se evidencia na nossa prática educativa é de que a avaliação da aprendizagem ganhou espaço tão amplo nos processos de ensino que nossa prática educativa escolar passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame”, Ou seja, Luckesi(2011) diz que, “o sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos. [...] O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem”. (pg.36)

O terceiro capítulo com o tema Verificação ou Avaliação: o que pratica a escola? Luckesi aborda algo muito interessante sobre verificação e avaliação, onde ele discorre que, a nossa prática educativa expressa-se mais ou menos da seguinte forma: “ensinamos, mas os alunos não aprenderam; o que é que vamos fazer?” De fato, se ensinamos e os alunos não aprenderam e estamos interessados em que aprendem, há que se ensinar até que aprendam; deve-se investir na construção dos resultados desejados.

A avaliação só pode funcionar efetivamente num trabalho educativo com essas características. [...] A avaliação é um diagnóstico da qualidade dos resultados intermediários ou finais; a verificação é uma configuração dos resultados parciais ou finais. A primeira é dinâmica, a segunda segundo o autor, é estática.

No capítulo quarto que tem como tema “Avaliação da aprendizagem mais uma vez”. Novamente Luckesi volta a abordar sobre a avaliação da aprendizagem frisando o ato de avaliar e examinar. Ele aborda que, o ato de examinar tem como função a classificação do educando, minimamente, em “aprovado ou reprovado”. Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. E isso basta. Diversamente o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessário. Assim a avaliação é diagnóstica.

No quinto capítulo o tema é de “Examinar para avaliar, um transito difícil, mas necessário”. Neste capítulo Luckesi aborda sobre a necessidade de ultrapassar a época dos exames escolares e entrar na época da avaliação da aprendizagem. O autor aborda que para se ter novos resultados no processo de ensino aprendizagem em nossas escolas, são necessários hábitos novos e estes, por sua vez, exigem novas aprendizagens, como também novas condições para exercitá-las. A transição dos hábitos de examinar na escola para os hábitos de avaliar exige atenção constante, pois os primeiros estão profundamente arraigados em nossa história, em nossa sociedade e na personalidade de cada um de nós. Luckesi ainda ressalta que para transitar do ato de examinar para o ato de avaliar na escola, necessitamos proceder a uma conversão ou seja com uma ultrapassagem de conceitos e modos de agir.

A quarta parte tem como tema: “Avaliação da aprendizagem e democratização do ensino”. Essa parte é composta pelos capítulos seis e sete. O capítulo sétimo, tem como título: “avaliação educacional escolar: para além do autoritarismo”. Nesse capítulo o autor vai abordar sobre a fenomenologia do autoritarismo presente em nossas práticas avaliativas, seu significado e as possibilidades de sua superação. Luckesi vai discorrer que a prática escolar predominante ainda hoje se realiza dentro de um modelo que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade. E o autoritarismo é elemento necessário para garantir esse modelo social, daí a prática da avaliação manifesta-se de forma autoritária.

Luckesi aborda sobre três passos consecutivos para desenvolver seu trabalho. Em primeiro lugar, ele situa a avaliação educacional escolar dentro dos modelos pedagógicos para a conservação e para a transformação. Em segundo lugar, analisa a fenomenologia da atual prática da avaliação escolar, tentando desocultar suas latências autoritárias e conservadoras. E por último ele faz algumas indicações de saída desta situação a partir do entendimento da educação como instrumento de transformação da prática social. O autor vem tratando que a avaliação da aprendizagem está a serviço e uma pedagogia dominante, que por sua vez, serve a um modelo social dominante, que pode ser identificado como liberal conservador. Que a própria avaliação da aprendizagem está sendo manifestada como forma autoritária prestando serviço a essa pedagogia dominante. Luckesi busca tratar de trazer uma reflexão para fazermos um rompimento, uma

ultrapassagem do autoritarismo e para isso importa romper com o modelo de sociedade e a pedagogia que o traduz. E que para que a avaliação educacional escolar assuma o seu verdadeiro papel como instrumento dialético para o crescimento, terá de se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação.

O sétimo capítulo tem como tema: "avaliação do aluno: a favor ou contra a democratização do ensino?" Esse capítulo trata sobre a possibilidade da prática da avaliação subsidiar a democratização do saber e da sociedade. Luckesi vai abordar sobre a democratização do ensino em primeiro lugar, como a democratização do acesso à educação escolar. Em segundo lugar, a democratização do ensino, a permanência do educando na escola e a conseqüente terminalidade escolar. E por último, a questão da qualidade do ensino.

O autor discorre que a avaliação da aprendizagem está sendo antidemocrática e se tornando uma prática classificatória, ele defende em suas proposições, que a avaliação deve ser diagnóstica para que ela sirva à democratização do ensino. Ou seja, a avaliação deverá ser assumida como instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno.

Na quinta parte que tem como tema "Planejar, executar e avaliar condições do sucesso na aprendizagem escolar", é composta pelos capítulos oito, nove e dez. O oitavo capítulo tem como tema "Planejamento e avaliação na escola: articulação e necessária determinação ideológica", que trata sobre como o planejamento está comprometido com uma teoria que orienta a ação. O autor traz primeiramente uma reflexão acerca do agir aleatoriamente e do modo de planejar, em decorrência disso ele aborda que não há uma atividade humana neutra sendo assim, que o ato de planejar não é neutro. Mais adiante Luckesi traz alguns autores que abordam como neutro o planejamento, e nisso ele discorre que com essa menção de neutralidade às decisões, usualmente, são no sentido de modernizar e não de revolucionar o que se tem. Em relação ao planejamento nas escolas Luckesi diz que, o planejar, nas escolas em geral, tem sido um modo de operacionalizar o uso de recursos, materiais, financeiros, humanos e didáticos. O autor discorre que o planejamento nas escolas se dá por meio de preenchimentos de formulários para serem arquivados e isso de fato não é planejar. E que isso é uma forma de fazer do ato de planejar um ato neutro, como desejavam e como desejam todos os que

defendem uma perspectiva conservadora para a sociedade. Luckesi aborda também sobre definições de planejamento em diversos níveis. Trazendo a avaliação para o planejamento, o autor aborda que a avaliação pode ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, seja ela curta, seja prolongada. Enquanto o planejamento dimensiona o que se vai construir, a avaliação subsidia essa construção, porque fundamenta novas decisões. A avaliação como crítica de percurso, é uma ferramenta necessária ao ser humano no processo de construção dos resultados.

O nono capítulo que tem como tema “por uma prática docente crítica e construtiva”, aborda sobre como tornar a prática educativa escolar construtiva para o educador e para o educando. Neste capítulo Luckesi discute alguns encaminhamentos para uma prática docente que seja, ao mesmo tempo, crítica e construtivista: crítica na medida em que compreenda, proponha e desenvolva a prática docente no contexto de suas determinações sociais; construtivista na medida em que trabalhe com princípios científicos e metodológicos que deem conta da construção do ensino e da aprendizagem para o desenvolvimento do educando. Ele ainda aborda que tanto do ponto de vista do sistema educativo quanto do educador é preciso estar interessado em que o educando se desenvolva, individual e coletivamente. E para que o educando se desenvolva, pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver.

O autor outra vez vai discutir acerca do planejamento, execução e avaliação, tomando por base os princípios e entendimentos onde o educador deverá exercitar suas atividades, no qual são as tarefas da prática docente.

O décimo capítulo tem como tema “planejamento, execução e avaliação no ensino: a busca de um desejo”. O autor começa refletindo sobre o agir em função dos desejos. Traz também uma reflexão sobre a entrega ao trabalho. Luckesi diz que, o planejamento, execução e avaliação são recursos da busca de um desejo. É preciso saber qual o desejo e entregar-se a ele. No caso da ação pedagógica, importa saber qual é o desejo que praticamos juntos aos educandos e se queremos estar entregues a ele, a fim de que possamos construir os resultados satisfatórios.

A quinta parte tem o tema: “Da necessidade do investimento eficiente na prática” e é composta pelos capítulos onze, doze, treze e quatorze. No décimo primeiro capítulo que trata do tema “prática escolar: do erro como fonte de castigo

ao erro como fonte de virtude”. O autor aborda a questão do castigo a partir do erro. Daí ele discorre sobre como se dava o castigo na prática escolar no passado, no qual o castigo (a tortura) era física e hoje é psicológica. Luckesi traz para a discussão pontos importantes como: as razões do uso do castigo; o que é o erro; o uso do erro como fonte de virtude e o erro e a avaliação da aprendizagem escolar. O autor deixa bem claro que não está fazendo apologia ao erro e ao insucesso, como fontes necessárias do crescimento, até porque eles não são necessários para o crescimento, porém, uma vez que ocorram, não devem fazer deles fontes de culpa e de castigo, mas trampolim para o salto em direção a uma vida sadia, consciente e feliz.

O décimo segundo capítulo tem como tema “avaliação da aprendizagem escolar: um ato amoroso”. Nesse capítulo Luckesi aborda os aspectos positivos da avaliação, discorrendo que o ato de avaliar a aprendizagem, por si, é um ato amoroso. O autor aborda que a prática escolar usualmente denominada de avaliação da aprendizagem pouco tem a ver com avaliação. Mudou-se a denominação, mas a prática continuou sendo a mesma, de provas e exames. Luckesi diz que o ato amoroso é aquele que acolhe a situação, na sua verdade. Ele define a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Mas para compreender isso, importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo um e excluindo o segundo. A avaliação tem por base, acolher uma situação, para então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. E no que se refere às funções da avaliação da aprendizagem, importa ter presente que ela permite o julgamento e a consequente classificação, mas essa não é sua função constitutiva que é uma função diagnóstica. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo da vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso.

No capítulo décimo terceiro o tema refere-se ao “fracasso escolar, escolas e sala de aulas”. Neste capítulo o autor começa a abordar sobre o ENEM, ou melhor sobre o relatório dos resultados de 2007 do ENEM. Esse relatório consta que a escola que apresentou melhor resultado tinha uma biblioteca de qualidade, investimento na qualificação de professores, enquanto a escola que apresentou pior resultado era completamente ao contrário da escola que apresentou o melhor resultado. Percebe-se que a diferença entre as duas escolas se dá pelo

investimento. Com isso Luckesi reflete sobre o investimento tanto na gestão administrativa, como na gestão pedagógica. E não será na sala de aula que conseguiremos, de alguma forma reverter os baixos investimentos econômicos em educação. Mas nas salas de aulas, podemos fazer o melhor, não para justificar os discursos de nossos políticos, mas sim para oferecer aos nossos educandos recursos pessoais e coletivos de cidadania. Neste mesmo capítulo Luckesi faz um convite para toda a sociedade escolar, buscar junto as lutas políticas e sindicais, investimento na escola e nas salas de aulas. Ações consistentes produzirão efeitos consistentes.

O décimo quarto capítulo traz o tema “gestão democrática da escola, ética e sala de aulas”. O autor discorre que, aprender e viver a experiência da gestão democrática da escola implica em que, estejamos atentos ao modo como isso se dá dentro do âmbito educativo escolar, tendo presente, além disso, que a própria sala é um lugar de gestão e, principalmente, de aprendizagem da gestão democrática, não só da escola, mas da vida. Ele ainda aborda que participar da gestão democrática da escola significa que todos se sentem e efetivamente são partícipes do sucesso ou do fracasso da escola em todos os aspectos: físico, educativo, cultural e político. Gestores administrando, educadores ensinando, estudantes aprendendo. Gerir democrática e participativamente a escola significa criar condições para que todos ocupem os seus lugares e os seus papéis, da melhor forma que for possível, em função do bem-estar de si e do outro, o que significa ter presente também o grupo e o meio ambiente. A avaliação terá um papel fundamental nesse processo, constatando a qualidade dos resultados que estão sendo obtidos através da ação de todos e subsidiando novas possibilidades de ação e aprendizagens também para todos.

A quinta parte é composta pelos capítulos quinze, dezesseis e dezessete e tem como tema “cuidados com os instrumentos de coleta de dados para a avaliação”. O décimo quinto capítulo traz o seguinte tema: “estudar tudo para quê, se os professores não levam tudo em consideração?” Neste capítulo Luckesi aborda sobre a questão de os educadores exigirem que os estudantes se dediquem a estudar uma gama grande de conteúdos, que, depois, efetivamente, não são considerados em nossas práticas avaliativas, em função da seleção arbitrária que fazemos dos conteúdos que compõem os instrumentos de coleta de dados para a avaliação, que elaboramos e aplicamos em nossos estudantes. É necessário termos

cuidado com os instrumentos de coleta de dados para a avaliação. É importante que o aluno estude todos os conteúdos? Sim, é importante, porém o educador deve considerar e fazer valer sua palavra que exigirá para os instrumentos avaliativos, para que isso não seja visto ao olhar do aluno como engano, ou como desprazer de estudar.

No capítulo décimo sexto trata do tema “avaliação da aprendizagem e ética”. A abordagem desse capítulo tem a ver com os instrumentos de coleta de dados sobre o desempenho de aprendizagem dos estudantes em nossas escolas. Luckesi aborda sobre um questionamento que nos faz refletir que é: será que nossos instrumentos de coletas de dados para a avaliação têm tido o objetivo de detectar a aprendizagem de um determinado conteúdo por parte do educando ou têm tido o objetivo de detectar a capacidade do educando de desvendar enigmas? E no decorrer de seu texto o autor traz alguns exemplos para maior compreensão desse questionamento. Todos os exemplos remetem ao estudo de um dado conteúdo, e que na formulação do questionário e até mesmo no grau de aprendizagem, são de difícil compreensão por parte do educando, e que através disso ocorre a reprovação. Em outras palavras, isso quer dizer que o mais comum em nossas práticas avaliativas, as perguntas estabelecidas nos testes, na sua maioria, não estão compatíveis com os conteúdos ensinados, tendo as características de clareza, precisão, linguagem clara e de mesmo nível de complexidade. E Luckesi deixa bem claro que os instrumentos de coleta de dados para a avaliação compatíveis com o ensino são recursos fundamentais para nossa prática de educadores e para a prática de nossos estudantes.

No capítulo décimo sétimo Luckesi aborda o tema: “avaliação da aprendizagem: domínio e/ou desenvolvimento”. Neste texto ele discorre sobre considerações que servem de aprofundamento ao que foi exposto no capítulo anterior. Luckesi aborda sobre o domínio e desenvolvimento. Ele diz que domínio, ou melhor, as aprendizagens chamadas de domínio, significam aquelas que devem ser ensinadas e aprendidas como as mínimas necessárias de um determinado conteúdo para um determinado nível de desenvolvimento. A aprendizagem para o desenvolvimento, tem a ver com que os nossos estudantes podem fazer com os conhecimentos já adquiridos e assentados. As questões de desenvolvimento são aquelas que colocam à frente do estudante problemas novos, para a solução das quais, necessita de servir-se como base dos conteúdos do domínio, mas indo além.

Na sétima e última parte da obra de Luckesi, tem como tema: “uma última observação”, composta pelo capítulo dezoito. Este capítulo tem como título o individual e o coletivo na avaliação da aprendizagem e o presente texto tem a abordagem sobre o cuidado necessário em olhar para o educando e em olhar para o educador. O autor discorre que, o serviço que a avaliação da aprendizagem presta ao educador, como acompanhante do educando, individualmente no seu processo de aprender e desenvolver-se. É um recurso que subsidia o olhar para o desempenho de cada educando. A prática da avaliação da aprendizagem deve focar tanto o individual quanto o coletivo; tanto o estudante quanto a turma e o sistema.

E para concluir Luckesi convida cada educador, em seu posto de trabalho, a aprender a olhar para as múltiplas determinações de uma realidade, na perspectiva de configurar sua qualidade, seja ela positiva ou negativa, tendo em vista subsidiar melhorias permanentes, oferecendo a cada indivíduo deste país a possibilidade de ampliar sua consciência na perspectiva da cidadania.

3.3 Considerações sobre a proposta de Luckesi para o ensino fundamental

Luckesi em sua abordagem sobre avaliação da aprendizagem, aborda que os processos de ensino na nossa prática educativa escolar passaram a ser direcionados por uma pedagogia do exame. E isso fica visível, por exemplo, no ensino médio, através das provas voltadas para o treinamento para vestibular. Os docentes e discentes com essa pedagogia estão voltados para a resolução de provas, para a preparação, para entrar em uma universidade. Mas, em se tratando de ensino fundamental até chegar à universidade, os alunos estão focados em notas, em aprovação.

Luckesi aborda algo interessante, em que ele acompanha crianças que saíram da quarta série hoje conhecido como quinto ano, passando para o sexto ano (quinta série) e se impressiona com a mudança dessas crianças em termos de avaliação. Que anteriormente estavam tendo a experiência relacionada com uma ação pedagógica que investia no processo da aprendizagem, sendo que a atual experiência está comprometida com o investimento no seu produto. Mas, na verdade, esta experiência em termos de investimento no produto, notas e aprovação, está surgindo ainda mais cedo. Hoje em dia, as crianças no terceiro ano (2ªsérie) já falam em aprovação e mais na frente falam de notas que devem ou que

tiram nas provas para poderem então serem aprovadas.

E nesse percalço de avaliação do aluno, ou melhor, da criança ser enxergada como produto e que ela já saiba que precisa se focar para obter um bom resultado das notas, para então ter o resultado de aprovada. E por meio dessa consciência e desta prática avaliativa ocorre a repetência, que é um fato ruim por parte do aluno, e a evasão escolar, que é ruim por parte da escola.

O Estado garante acesso a todos a educação, e dita ser obrigatório a criança ter esse acesso a partir dos quatro anos de idade e permanecer até os dezessete anos. No artigo 3º da LDB-Lei 9394/96 sobre alguns tópicos relevantes diz que: “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II- Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III- Pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas
- IV-Respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V- Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI- Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII- Valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino”;
- IX- Garantia de padrão de qualidade;
- X- Valorização da experiência extra-escolar
- XI- Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII- Consideração com a diversidade étnico-racial.
- XIII- Garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida

Focaremos no tópicos I e III. Em se tratando de gestão democrática de ensino, Luckesi(2011) aborda que democratização de ensino implica, em primeiro lugar, democratização do acesso à educação escolar (p.95). Sobre isso vimos no primeiro tópico em termos de acesso escolar. O segundo elemento que Luckesi define a democratização do ensino é a permanência do educando na escola e a consequente terminalidade escolar (p.97). Luckesi aborda que essa legislação educacional brasileira abre caminho para um processo antidemocrático no ensino (p.97). Ele traz para a discussão os dados educacionais nacionais estatísticos o qual revelam que, entre as 1.000 crianças que ingressam anualmente na primeira série do

primeiro grau hoje chamado de primeiro ano, 560 não são, afinal aprovados para a segunda série. Ou evadiram-se ou foram reprovados na escolaridade. Ele ainda continua dizendo que, há um processo de repetência e evasão escolar e nada se tem feito para sanear essa situação. São muitos os subterfúgios e muitos os interesses que mantêm essa situação no país (p.98). Tanto a questão da permanência quanto a questão da terminalidade têm implicações serias e graves contra a democratização do ensino. Entendemos, pois, que a não permanência na escola assim como o baixo nível de terminalidade são fatores antidemocráticos no que se refere ao ensino. Outro fator que Luckesi aborda que interfere no processo de democratização do ensino está afeto à questão da qualidade de ensino. Será democrática a escola que possibilitar a todos os educandos que nela tiverem acesso a uma apropriação ativa dos conteúdos escolares. (p.99)

Em termos o autor discorre que a avaliação da aprendizagem existe propriamente para garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Ela tem a função de possibilitar uma qualificação da aprendizagem do educando. (p.101)

Depois dessas considerações, Luckesi traz alguns pontos importantes para que o educador analise o desenvolvimento do seu educando, começando desde o ensino fundamental até sua terminalidade escolar. Luckesi diz que:

O desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Assim sendo, desenvolvimento do educando significa a formação de suas convicções afetivas, sociais, políticas; significa o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas e habilidades psicomotoras; enfim, sua capacidade e seu modo de viver. À escola cabe trabalhar para o desenvolvimento das capacidades cognitivas do educando em articulação com todas as habilidades, hábitos e convicções do viver. (LUCKESI, 2011, p.145).

O aluno vai à escola em busca de uma aprendizagem que o desenvolva e cabe ao professor trabalhar e oferecer ao educando as condições efetivas de uma aprendizagem metodicamente buscada. O aluno vai à escola buscar conhecimento e não ser taxado como aprovado ou reprovado, ou seja, ele não vai à escola para ser classificado ou excluído. Cabe ao professor oferecer uma reflexão à sua conduta de avaliação da aprendizagem. É preciso ter um olhar crítico que faça o aluno querer permanecer a aprender.

3.4 Destaque importante para a prática avaliativa

3.4.1 Um olhar sobre a questão do erro

Primeiramente vamos conhecer o conceito da palavra erro que procede do verbo errar. Segundo o dicionário Aurélio, errar tem alguns significados como enganar-se e falhar. Quem nunca errou que atire a primeira pedra. Todos nós erramos e o erro faz parte das nossas vidas. É através dele que acertamos. Ou pelo menos tentamos acertar.

No âmbito educacional, os alunos aprendem o que em casa e em outros lugares não aprendem. Como exemplo conteúdos de português, matemática, biologia e etc. É obvio que eles utilizarão esses aprendizados fora da escola, mas para serem usados fora, devem aprender primeiro dentro da escola.

De certa forma é a escola que é a responsável pela aprendizagem dos alunos. É o lugar propício para novas aprendizagem e crescimento de conhecimentos. E é nesse percurso de desenvolvimento de novos conhecimentos por parte dos educandos, que eles aprenderão coisas novas, mas nem sempre terão 100% de acertos na aprendizagem. A escola e principalmente a sala de aula são lugares propícios ao erro e aproveitamento. As crianças aprendem conteúdos novos, se tiverem uma boa compreensão terão uma possibilidade maior de acertos em suas aprendizagens e crescerão em suas aprendizagens.

A questão do erro e acerto pode ser explicitada como numa maneira de jogar um jogo a primeira vez. Geralmente para se jogar um jogo que você não sabe jogar, lê-se primeiro as regras, para então jogar. Com a prática do jogar você conhecerá melhor o jogo. As vezes chega-se até ler as regras, mas se não compreende-las totalmente, talvez a probabilidade de errar seja grande, mas isso não o impede de aprender a ganhar o jogo acertando. Com a avaliação é o mesmo que acontece, o professor deve ensinar e acompanhar o jogo da aprendizagem. Ele lê as regras e acompanha o jogo (ensina) e o aluno joga (aprende). Ao jogar o aluno pode errar ou acertar. Se ele errar tentará até conseguir acertar e o professor estará lá auxiliando até chegar no aprendizado do acerto.

Deve se entender que, para uma nova aprendizagem que surja, um novo desafio, uma nova compreensão também surge. E com elas surge probabilidades de erros e acertos.

O professor deve entender que, o aluno não é uma tábua rasa de conhecimentos e nem é um ser que sabe de tudo e que tem um conhecimento já acabado. O aluno assim, como o homem, possui um conhecimento inacabado, ele sempre pode aprender algo novo.

Vale lembrar que, a questão do erro nas escolas era baseada em castigos físicos. Hoje em dia, percebemos que só mudaram as formas de castigos físicos e os castigos psicológicos estão à tona. Os professores reprimem seus alunos quando erram, com palavras, com olhares, o modo de agir, pelas broncas, e exposição na frente dos colegas, isso tudo mexe com a cabeça da criança e isso pode fazer com que isso reflita lá na frente. Luckesi (2011, p.198) diz que o “erro não é fonte para castigo, mas suporte para o crescimento”. É isso mesmo, o erro não deve ser arma para o castigo, e nem repressão. O aluno deve crescer com o erro e não permanecer no erro. E o professor deve fazer com que o próprio aluno perceba isso.

3.4.2 Avaliação como função diagnóstica

A avaliação consiste em três modalidades, que são: diagnóstica, formativa e somativa ou classificatória. Explorando um pouco mais sobre essas três funções como base em Martins(1995) A avaliação formativa,

É realizada com propósito de informar o professor e o aluno sobre o resultado da aprendizagem, durante o desenvolvimento das aprendizagens, de modo a possibilitar reformulações no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos. É chamada formativa no sentido que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos. (MARTINS, 1995, p. 32).

Essa avaliação formativa se dá durante o ensino. Ela tem como função situar o educador a respeito do desenvolvimento da aprendizagem do aluno, buscando sempre o alcance da melhoria do ensino e do aprender do educando.

A avaliação somativa ou classificatória, Martins (1995, p.35) aborda que: “sua função é *classificar os alunos ao final da unidade, semestre ou ano letivo, segundo níveis de aproveitamento apresentados*”. Essa avaliação é a mais conhecida de todos porque é a mais prática. Nelas são realizados os famosos exames, provas e testes para dar-se notas que classifiquem os alunos como aprovados e reprovados no final do ano letivo. Sem contar que quando se pratica a

avaliação somativa, se usa o ato de examinar e deixa de lado o ato de avaliar. E entre examinar e avaliar existe diferença como aborda Luckesi (2011),

O ato de examinar tem como função a classificação do educando, minimamente, em “aprovado ou reprovado”. Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam. E isso basta. Diversamente o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados, caso seja necessário. Assim a avaliação é diagnóstica. (LUCKESI 2011, p.62).

E por último a avaliação diagnóstica que, segundo Martins (1995)

Visa determinar a presença ou ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem. Permite averiguar as causas de repetidas dificuldades de aprendizagem. (MARTINS 1995, p.32).

E é nessa avaliação que agora focaremos. Como o próprio nome já diz diagnóstico serve para conhecer pelos sintomas. Em termos de avaliação é para conhecer a aprendizagem existente e a falta de aprendizagem. Ou seja, o professor quando usa a avaliação diagnóstica ela busca conhecer se o aluno tem um conhecimento que possa alcançar os objetivos propostos, ou se o aluno não tem esse conhecimento, para depois saber que requisitos usar para sanar o que foi diagnosticado. Um exemplo para melhor explanação é, quando o professor está com uma nova turma, ele precisará averiguar os conhecimentos de todos os alunos para detectar os níveis de aprendizagem. Nesta averiguação será feito o diagnóstico e em seguida deverá buscar métodos em que o aluno tenha maiores habilidades de aprendizagem, esses métodos seriam as formas para se chegar ao objetivo.

É importante destacar que o ideal seria que os educadores utilizassem a avaliação de uma forma diagnóstica e formativa. Elas são fundamentais para o processo de ensino aprendizagem. E sendo usadas, seriam então de fato uma avaliação da aprendizagem. Onde o professor não será o vilão e nem o aluno o coitado, mas sim, ambos protagonistas, capazes de promover mudanças, enxergando o novo da educação, isso é, o educar, buscar novos olhares e reformular sempre.

3.4.3 Um olhar reflexivo sobre as avaliações classificatórias tradicionalistas

Quando se fala em tradição, fala-se de costumes e hábitos inveterados. Ou seja, de hábitos muito antigos. Quando se trata de práticas tradicionalista, são práticas antigas que quase nunca se rompem. É certo que certas tradições devem ser respeitadas e seguidas e outras foram feitas para serem mudadas ao longo do tempo. E uma delas são as tradições das avaliações como classificadoras. É necessário hábitos novos para que novas aprendizagens surjam como aborda Luckesi (2011, p.67) que para se ter novos resultados no processo de ensino aprendizagem em nossas escolas, são necessários hábitos novos e estes, por sua vez, exigem novas aprendizagens, como também novas condições para exercitá-las.

A avaliação surgiu como controle social, e isso se tornou tradição. As avaliações se tornaram e servem para se manter um dado controle. Os métodos avaliativos ainda são os mesmos, baseando-se em notas, provas, reprovações, é voltados para os conteúdos isolados do ensino.

Para se tentar romper com a tradição das avaliações classificadoras, simples, podemos começar pelo olhar reflexivo, de como se dá ou está dando o processo avaliativo. Como já foi mencionado várias vezes aqui, cabe ao professor estar disposto a refletir sobre suas práticas avaliativas. A avaliação da aprendizagem só se tornará uma verdadeira avaliação da aprendizagem se de fato houver uma tomada de decisão e reflexão constante e progressiva acerca da prática avaliativa.

O exercício da reflexão deve ser feito em ambas as partes, tanto do educador quanto do educando. Um exercício simples que pode ser feito por parte do educador é: que consegui ensinar hoje? Será que meus alunos compreenderam? Onde posso melhorar? O educador pode levar o próprio aluno a fazer esse exercício, o aluno pode refletir sobre o que aprendeu, como pode aprender mais, enfim, são questionamentos simples, mas que remetem a uma reflexão. Toda ação em si necessita uma reflexão. E a avaliação não fica fora disso.

Queremos um futuro melhor para nossas crianças, uma educação que as transformem. Mas, como queremos isso, sendo que continuamos com a educação da mesma forma? Nada muda se não for mudado. As gerações mudam, as crianças, os alunos de hoje não são os mesmos de épocas passadas, e porque as avaliações permanecem as mesmas? A mudança, o rompimento, são necessários para que se permita crescer em conhecimento. Pensando em mudança para o futuro de nossas

crianças Luckesi (2005) aborda que,

Um educador que se preocupe com que sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcado por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação. A avaliação, neste contexto, não poderá ser uma ação mecânica. Ao contrário, terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência de todos para a participação democrática da vida social. (LUCKESI, 2005 p. 46).

Ao educador consiste em refletir. Como diz Silva, 2015 “educar é, talvez, ver de novo aquilo de que já está convencido, desmontar infinitamente”. (P.122), É o mesmo que deve acontecer com a avaliação, é olhar como ela está sendo usada e de que forma, e, desmontá-la infinitamente. Até que se chegue em uma avaliação justa, amorosa, acolhedora, dinâmica, integrada, contínua e progressiva.

CAPÍTULO III

4 AINDA COM BASE NOS ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS APRESENTAMOS ALGUMAS PROPOSTAS PARA ORIENTAR OS MÉTODOS AVALIATIVOS

A avaliação da aprendizagem não tem um método específico ou o melhor método para se avaliar, mas existem métodos que se adequem para melhor se avaliar. Não importa se o modo de avaliar seja objetivo ou dissertativo, importa que este sirva para de fato conhecer o saber do aluno. Mas, em se tratando de novas propostas para os métodos avaliativos, apresentaremos métodos que podem ser usados para mediar a aprendizagem dos alunos. E para tomarmos como base, podemos contar com a ajuda dos autores como Hoffman, Martins e Luckesi.

Iniciaremos com o método do exercício do olhar. Esse exercício do olhar baseado em Hoffman (2009), é o professor pousar o olhar em cada aluno. Um olhar profundo que visa conhecer o educando como um todo dentro da sua individualidade. Hoffman (2009) diz que, “é preciso um olhar sereno, intenso e dedicado sobre a história de vida dos alunos e de suas trajetórias individuais de aprendizagens no sentido essencial da mediação”. (p.15) Esse exercício do olhar pode levar o professor a refletir, os porquês da aprendizagem, ou os porquês da não aprendizagem. Se sabe que, em salas de aulas, principalmente em escolas públicas temos salas super lotadas, e o professor não tem tempo para refletir esse olhar. Claro que conhecer e compreender os alunos não é algo fácil, mas não impossível. Até porque conhecer de fato um aluno não é tão fácil, não é algo que você conseguirá em um dia, mas todos os dias. Pode se começar a conhecer melhor os alunos que mais apresentam casos de dificuldades em suas aprendizagens. É necessário que o professor busque entender seu aluno em todo seu desenvolvimento como diz Luckesi (2011, p.145) é preciso estar interessado em que o educando se desenvolva, individual e coletivamente. E para que o educando se desenvolva, pressupõe o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver.

A segunda proposta que podemos destacar é o diálogo. O diálogo é uma ferramenta fundamental para o convívio e a interação do ser humano. Hoje em dia o diálogo está cada vez mais difícil.

O diálogo entre educador e educando é essencial para a aprendizagem. É

a partir do diálogo que o aluno e o professor se tornam capazes de se interagir e compreender ambas as partes. Tanto o educador como o aluno devem saber escutar. É importante frisar que o diálogo deve ser de forma sadia e também deve ser feito com professores, diretores, pais ou responsáveis e toda a composição escolar. O diálogo deve ser frequente, como diz Hoffman(2005) que, o diálogo deve ser frequente e sistemático entre os adultos que lidam com a criança e os pais ou responsáveis.

O diálogo não é gritar com o aluno. É saber ouvi-lo e procurar entendê-lo para depois buscar um consenso.

A terceira é passar confiança. O aluno tem que ter uma confiança no seu professor e o professor deve passar esta confiança. Ouvimos muitos professores dizerem “não estou aqui para ser amigo de aluno nenhum”. Essa frase já rompe o conceito do aluno de se aproximar do educador. Não é necessário que o professor vire amigo dos alunos, mas o professor sabendo lidar respeitando, olhando o aluno como um ser completo já pode gerar confiança. Se pararmos para analisarmos a sociedade de hoje, temos crianças que estudam o dia todo e seus pais trabalham também, o dia todo, e as pessoas ou a pessoa que elas mais tem contato, é com o educador. O educador que se faz “responsável” pela criança enquanto está em sala de aula. É o educador que pode ouvir a criança quando a mesma pode estar deprimida antes que, os pais possam a ouvir. Sem contar que de certa forma, os educadores sempre tem seus “admiradores”. Certos professores tem o privilégio de serem abraçados ao longo do dia antes dos pais. É necessário que o professor transmita confiança e que faça que o próprio aluno se faça confiante.

Outra proposta que podemos refletir é elogiar. Algo simples, mas que faz toda diferença. E afinal quem não gosta de ser elogiado? Ou saber que alguém tem interesse em nosso melhor? Todo ser humano tem esse lado de querer ser visto por alguém. Na maioria das vezes se busca um olhar especial, um olhar que gera elogios e interesses. O aluno por sua vez também quer esse olhar por parte do professor, assim como o educador quer do aluno. Isso não quer dizer que a todo momento você deve elogiar a todos os alunos, todos os dias, mas quando o aluno merecer tanto o elogio como o incentivo. Como Sant’Anna diz que “o professor deve elogiar o aluno quando este obtiver sucesso na aprendizagem, e demonstrar interesse pelo aluno que não logrou êxito, incentivando-o e dando-lhe liberdade para que com outras alternativas, obtenha o resultado”. (p.15), porque não elogiar e

incentivar quando necessário? Esses dois elementos são essenciais, além de serem e causarem transformações em quem a faz e quem o recebe.

Outra proposta é o corrigir e não expor seu aluno. Algo simples. Corrija o com lápis ou variadas canetas. Permita que o próprio aluno permita-se descobrir seu próprio erro. Geralmente, as correções e notas são dadas em canetas vermelhas. Essa cor assusta por que é do conhecimento de todos. Se tiver de caneta é porque está errado, porque vai ser reprovado ou tirou uma péssima nota. Essa cor em específico é sinônimo de trauma, porque isso já foi nos implantado como algo ruim. Além do corrigir existe o expor o aluno. Além do aluno receber um vermelho, ele é exposto, através das falas dos professores e dos demais colegas. Para os resultados de provas ou tarefas seja ela qual for, chame seu aluno converse com ele não o exponha. Como Sant'Anna (1995, pg.15) aborda que “o professor, marcando e criticando os erros, só estará reforçando-os”.

Avalie diariamente seus alunos, seja fazendo anotações ou conversando com eles, para perceber suas aprendizagens nos determinados conteúdos. Faça testes ou dinâmicas sempre que for mudar de um conteúdo para o outro fazendo revisões para averiguar se realmente todos estão aptos a novas aprendizagens.

Como foi dito antes não há uma fórmula secreta nem métodos exatos de se avaliar aluno, mas existem capacidades e buscas para se melhorar o ensino e a aprendizagem dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver este trabalho nota-se a importância do ato de avaliar. O avaliar não pode ser por acaso ou de qualquer jeito. Deve ser feito de modo que inclua, integre o aluno, que frise no aluno e não nos conteúdos.

Ser professor não é uma tarefa fácil, mas se torna prazerosa quando se quer que ela seja efetiva, tanto para quem educa quanto para quem aprende.

É importante frisar que o professor não é o culpado, e nem o aluno, pelo fracasso escolar, mas, sim o sistema burocrático que toma a avaliação como rédea do ensino como se a avaliação fosse o centro de todo o ensino. Os alunos tentam seguir os professores e os professores tentam cumprir o sistema e ambos se tornam reféns deste processo.

Os métodos avaliativos ainda continuam os mesmos. Estão baseados na base da classificação. É necessário romper com esses métodos.

Romper com os métodos tradicionais, não é fácil. Refletir continuamente, também não é. A ação começa de passos em passos até chegar no que se espera. O rompimento com os exames e seus métodos tradicionais não se dará de imediato em todo o Brasil, se começarmos a querer mudar para melhor, já estaremos dando o primeiro passo na direção certa, desde que reflitamos sobre nossas práticas pedagógicas, sobretudo, as práticas avaliativas.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, Anna M. Salgueiro. Ressignificando a avaliação escolar. In: Avaliação e processo de ensino-aprendizagem. Comissão Permanente de Avaliação Institucional: UFMG-PAIUB. Belo Horizonte: PROGAD/UFMG, 2000. p. 122-129 (Cadernos de Avaliação,3). In: Mary, Stela Ferreira Chueri. **Concepções sobre a Avaliação Escolar-Estudos em Avaliação Educacional**, v.19, n.39, jan./abr.2008.

CHIZZOTTI. **A Pesquisa em ciências humanas e sociais**.3.ed. São Paulo:Cortez,1998.

FERNANDES, Cleoni. A procura da senha da vida-de-senha a aula dialógica? In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (ORG). **Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas**, Campinas: Papirus, 2008.p.145-165

GARCIA, Regina Leite. **A avaliação e suas implicações**. In: ESTEBAN, Maria Teresa (org.). -5.ed.-Rio de Janeiro: DPeA,2003.

HOFFMAN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação,2005,35ª ed. revista.104 p.

_____. O jogo do contraio em avaliação. Porto Alegre: Mediação,2005, p.2 a 121.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22.ed.- São Paulo: Cortez,2011.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez 2005.

RISTOFF, Dilvo I. Algumas definições de avaliação. In: **Avaliação e compromisso público: a educação superior em debate**. Florianópolis: Insular.2003.p.21-29.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? como avaliar? critérios e instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes,1995.

SILVA, Renata Ferreira. Pensamentos descalços: carta aos/as professores/as da educação infantil. In: SPADA, Ana Corina et al (org.). **Educação Infantil e formação de professores**. Campinas, SP: Autores associados, 2015. pág.115 a 124.